

## **2.1.2 A crise existencial do homem no período helenístico**

Danilo Juscelino da Silva; Luiz, Felipe Matta Ramos

## A crise existencial do homem no período helenístico

D.J. da SILVA<sup>1</sup>; L.F.M.RAMOS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduado em Licenciatura em Teologia pelo Centro Universitário Ítalo-brasileiro,

<sup>2</sup> Docente Universitário. Psicanalista, Pesquisador e Coordenador dos Cursos de Teologia e Filosofia do Centro Universitário Ítalo Brasileiro.

## RESUMO

Um drama hodierno, também vivido no passado, é a crise existencial. O homem sempre passou por momentos difíceis em sua existência, e um destes momentos foi o chamado período helenístico, período de expansão do império macedônico. Esse império teve grandes contribuições culturais, na arte, literatura, e na ciência, promoveu um encontro de culturas, mas também levou o homem a um abismo enorme. Como resposta a essa crise surgem algumas escolas filosóficas que se propuseram a apresentar novas ideias existenciais, e que, mesmo tendo diferenças entre si, buscavam a mesma coisa: estabelecer novos ideais de felicidade para o homem. Este trabalho teve por objetivo realizar um apanhado filosófico histórico para levantar alguns fatores que levaram o homem a mergulhar em uma crise, de valores, uma crise existencial, e de identidade, que também durou posteriormente. A pesquisa foi desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica, e apresentada sob forma de revisão narrativa da literatura. Os descritores “crise” AND “período helenístico” AND “filosofia” para foram usados para busca de materiais nas bases de dados online, além de consulta a livros físicos sobre o tema. Os momentos de crise são muito difíceis, mas podem produzir resultados de extrema importância, como uma filosofia que valoriza a virtude, o amor à vida, independentemente da dificuldade em que se vive, o valor da amizade, e que com certeza ajudam o homem contemporâneo sem dúvida alguma, e enfrentar crises que possam viver hoje, que muito se parecem com a de tempos passados.

**Palavras-chave:** Helenismo; crise; Filosofia.

## **ABSTRACT**

This work presents a modern-day drama, although also experienced in the past, which is the existential crisis. Man has always gone through difficult moments in his existence, and one of these moments was the so-called Hellenistic period, which is the time of expansion of the Macedonian empire. This empire had great cultural contributions, in art, literature, and science, it promoted a meeting of cultures, but it also took man to a huge abyss. In response to this crisis, some philosophical schools emerged that set out to present new existential ideas, and they are: Epicureanism, Skepticism, Eclecticism, and Stoicism, each with its different teachings, however, seeking the same thing, establishing new ideals of happiness. for man. This work aimed to carry out a historical philosophical overview to raise some factors that led the man who was governed by Alexander, to plunge into a crisis, of values, an existential crisis, and of identity, which also lasted later. The research was developed through bibliographical research, and presented in the form of a narrative literature review. The descriptors “crisis” AND “Hellenistic period” AND “philosophy” were used to search for materials in online databases, in addition to consulting physical books on the topic. Moments of crisis are very difficult, but they can produce extremely important results, such as a philosophy that values virtue, love of life, regardless of the difficulty in which one lives, the value of friendship, and which certainly help contemporary man to live well, without a doubt, and face crises that we may experience today, which are very similar to those of times past.

**Keywords:** Hellenism; crisis; Philosophy.

## 1 INTRODUÇÃO

O homem grego do período helenístico, que era governado por Alexandre, o Grande, vivenciou fatos históricos que o levaram a mergulhar em uma crise, de valores, existencial, e de identidade, que persistiu por muito tempo.

Ao observar que a sociedade contemporânea também vive essa mesma crise de valores, existencial, de identidade, dentre outras, tanto quanto viveu no passado, surge o questionamento: será que existem fatores comuns entre esses períodos, e que justifique o mesmo fenômeno? Baseado em algumas soluções passadas, observando o que ocorre nas situações de hoje, se a “doença” acaso for a mesma, o “remédio” que outrora ajudou o homem grego em sua crise pode servir como referência para o homem contemporâneo.

Realizando um apanhado filosófico histórico, houve a tentativa de levantar uma reflexão filosófica do que foi o helenismo, quais as suas causas e consequências, tanto políticas, como na cultura, e se seria possível demonstrar o fator desta crise, na tentativa de encontrar algumas de suas causas e o seu porquê.

Esse trabalho seguiu o método de revisão bibliográfica, e não teve, evidentemente, a pretensão de esgotar o tema. Foi realizada uma revisão narrativa, na qual utilizou-se os termos “crise” AND “período helenístico” AND “filosofia” como descritores de busca nas bases de dados online, e consulta de livros físicos sobre o tema em questão.

## 2 DESENVOLVIMENTO

*“Nada é impossível para aquele que persiste”  
Alexandre, o Grande*

## 2.1 O helenismo

O homem é um ser inserido no mundo, um ser diferente dos outros pela sua capacidade de inteligência, por isso ele pode fazer grandes conquistas, ele trava lutas e guerras para ampliar seu território, coisas que também os animais fazem, mas, os homens o fazem de maneira diferente, de maneira mais engenhosa, e racional. E isso porque somos seres de cultura<sup>2</sup>. Assim nos diz Mondin (1998, p.47) a respeito desse ser cultural que é o homem, que tem várias dimensões, mais essencialmente a cultural:

O homem, porém, permanece essencialmente um ser cultural: isto é, um ser que se define e se realiza mediante a cultura. Esta se propõe, ou deveria propor-se, a realizar o homem integralmente. Para realizá-lo integralmente, é necessário um cultura integral, que saiba cultivar todo homem, com as suas propriedades, qualidades, dotes, faculdades, dimensões, segundo aquele desígnio que Deus mesmo traçou para ele na criação, e que potencializou a redenção. Uma cultura do homem para ser integral deve ser, sobretudo, cultura do espírito porque, aquela do espírito é a única dimensão que faz do homem um valor absoluto e perene. Cuidar da própria alma é um imperativo categórico de toda boa cultura: somente essa corresponde à grandiosíssima dignidade do homem.

---

<sup>2</sup>“Esse termo tem dois significados básicos. No primeiro e mais antigo, significa a formação do homem, sua melhoria e seu refinamento.[...] No segundo significado, indica o produto dessa formação, ou seja o conjunto dos modos de viver e de pensar, cultivados, civilizados, polidos, que também costumam ser indicados pelo nome de civilização.[...]1 No significado referente à formação humana individual, essa palavra corresponde ainda hoje ao que os gregos chamavam paidéia e que os latinos, na época de Cícero e Varrão, indicavam com a palavra humanitas: educação do homem como tal, ou seja, educação devido às boas artes peculiares do homem que o distinguem dos outros animais (AULO GÉLIO, Noct. Att., XIII, 17).[...] Para os gregos, a C. nesse sentido foi a busca e a realização que o homem faz de si, da verdadeira natureza humana.[...] Em segundo lugar, o homem só podia realizar-se como tal na vida em comunidade na polis[...].” (ABBAGNANO, 2007, p.261)

Toda cultura, passa por grandes mudanças e transformações, sempre ocorre uma evolução, ou talvez ocorra o contrário se olharmos em perspectivas diversas. “[...] um processo de transformação onde todos os homens são agentes das constantes mudanças que ocorrem.” (SANTOS, 1980, p.1). O homem é a causa da mudança, e muitas vezes ele mesmo é quem sofre com elas, e ele procura respostas para elas, soluções e remédios para se situar. E no período histórico no qual colocaremos aqui, não foi diferente, houve transformações, mas essas trouxeram uma angústia ao homem, que se vê perdido sem a “sua polis”, e isso se iniciou com a grande expansão do império da Macedônia, governada por Felipe II.

Felipe II (359-336 a.C.) iniciou a expansão do império, expansão essa que mudaria toda a estrutura de um mundo naquela época, suas conquistas marcam o início de uma nova concepção de vida, de homem, de era, nascia ali o helenismo, a imposição de uma cultura distinta de todas as outras.

Foi o estudo da civilização que determinou se criasse o adjetivo moderno ‘helenístico’, que outros povos substituem pelo substantivo (Hellenism, *Hellenismus*). Na realidade, esta civilização é bem individualizada por suas datas, desde a conquista de Alexandre até a conquista romana, e também por seus aspectos (PETIT, 1971, p.181)

No auge de suas conquistas Felipe II é assassinado, mas com sua morte não morrem também seus ideais, que nesse momento já estavam incorporados aos ideais do povo Macedônico, e além-fronteiras, pois Felipe II já havia reunido um congresso em Corinto, proclamando a paz com os estados gregos e decretado a guerra à

Pérsia como inimigo comum de gregos e macedônios, e assim seguem rumo à conquista da Ásia.

## **2.1 Alexandre, o Grande**

Alexandre III era filho de Felipe II, rei da Macedônia Felipe havia empreendido a conquista de vários territórios, porém morreu no ponto máximo de sua empreitada, e isso fez com que o até então pequeno Alexandre, que fora educado por Aristóteles, ascendesse ao trono herdado de seu pai. “Com só 18 anos, Alexandre iniciou sua fulminante carreira de vitórias, boa parte delas sobre o grande Império Persa’, diz a arqueóloga clássica Maria Beatriz Borba Florenzano, da Universidade de São Paulo (USP)” (NAVARRO, 2003).

Alexandre se casou duas vezes; a primeira com uma nobre pouco conhecida, e a segunda vez com Roxana, filha de Dario III, rei da Pérsia, o qual ele derrotou, dominando seu território. Mas, como uma das características de Alexandre era a de ter certa clemência para com os povos aos quais dominava, Alexandre teve um bom relacionamento com a família de Dario, tanto que isso resultou em um matrimônio<sup>2</sup>.

O rei do Egito fez grandes conquistas, tinha uma visão política extraordinária, fundou cidades, tinha um exército avassalador, do qual ele mesmo ia à frente nas batalhas, e por onde passava, conquistava. Alexandre tinha uma peculiaridade, pois respeitava a cultura daquele povo, e não lhes impunha que não a usassem mais, e talvez essa seja um dos motivos do sucesso de sua expansão, que só seria superada em questão de cultura e tudo mais pelo império romano<sup>2</sup>.

“O hegemônico da liga helênica”<sup>3</sup> recebeu a educação grega dos 13 aos 16 anos; por isso tinha pela mesma uma grande admiração, e tinha como projeto levá-la para todo o reino, e estendê-la por onde passasse e, assim o fez. Ainda que respeitando a cultura de onde passasse. Alexandre, com suas conquistas, levou consigo os benefícios da cultura grega, e suas fundações, e seu império favoreceu a expansão desta para além fronteiras e uma grande migração dos gregos para vastas regiões.

## **2.2 A expansão macedônica**

Alexandre é muito conhecido por suas conquistas e por seu império, que foi vastíssimo e se estendeu até a Ásia. Sua política era muito eficaz, e, sobre isso nos afirma Cloché (apud SANTOS, 1980, p.217):

A Macedônia tornou-se, então o centro de um vasto Império, o maior até então formado, e somente superado em extensão pelo Império Romano, séculos mais tarde. A capital foi localizada em Babilônia. A política macedônica revelou-se hábil, visando a dar solidez ao Império e a abafar as resistências e oposições: Alexandre proclamava-se “libertador” dos territórios que eram conquistados, antes submetidos aos persas. As instituições políticas e religiosas dos vencidos foram respeitadas, angariando, assim, o apoio das camadas dirigentes da sociedade (grandes proprietários e sacerdotes); incrementaram-se os casamentos entre os vencedores e as populações locais (o próprio Alexandre casou-se com a filha de um governante iraniano); jovens persas, educados no idioma, nos costumes e nas técnicas militares dos gregos, foram incorporados ao exército grego-

---

<sup>3</sup> Como todo monarca Alexandre era provido de vários títulos, dentre eles este. Disponível em: <[http://als.wikipedia.org/wiki/Alexander\\_der\\_Grosse](http://als.wikipedia.org/wiki/Alexander_der_Grosse)> Acesso em 09 de Abril de 2014 as 20h31minh.

macedônico. “A política de colaboração se acrescenta uma tentativa de fusão entre os diferentes povos submetidos à autoridade do príncipe.[...] Alexandre se propôs a abolir ou a enfraquecer o mais possível as diferenças e desigualdades que separavam estes povos uns dos outros.

Tão grande foi a sua influência, tanto em vida quanto depois que “os séculos que se seguiram à morte de Alexandre magno modificaram muitos aspectos da cultura e da civilização da Grécia e das suas colônias” (BECKER, 1980, p.150). Continuando, Cloché (apud SANTOS, 1980, p.218) nos conta um pouco sobre a expansão cultural que Alexandre levou consigo:

A cultura grega foi amplamente difundida, tendo como centros as cidades fundadas ou conquistadas no decorrer das campanhas militares (Alexandria, Pérgamo). A fusão entre os elementos culturais gregos e orientais deu origem a uma nova cultura, que caracterizaria daí por diante, as regiões do Império de Alexandre- a cultura helenística. “Entretanto, a obra de Alexandre estava longe de atender plenamente às exigências e às tradições da mais alta civilização do mundo Greco-oriental; a política seguida na península helênica pelo filho de Felipe, as instituições administrativas com que dotou o seu Império, a escolha que ele fez de seus principais conselheiros e funcionários, a grande importância do Oriente na vida religiosa, na atividade artística e na economia do império [...] exasperaram ou alarmaram os representantes mais qualificados do Helenismo.

Sua maneira de governar favoreceu tanto o seu império quanto a valorização da cultura que vai expandindo na união de elementos do pensamento grego com pensamentos orientais, que foram se mesclando e formando a cultura helenística.

Mas politicamente subjugada, a Hélade conquista o mundo com a sua cultura, que encontra abertos à sua frente novos horizontes e novas vias para estender-se mais e, ao mesmo tempo para enriquecer-se mais pela assimilação de novas idéias. É o fenômeno do *helenismo*, isto é, da universalização da língua e da cultura gregas, de sua expansão pelos países orientais (Ásia Menor, Egito, Pérsia), que os exércitos de Alexandre tinha aberto à influência espiritual da Grécia (MONDIN, 1981, p.107).

### **2.3 A cultura helenística**

Por mais que a cultura helenística se confunda com a cultura grega, desde o nome até características particulares, é importante lembrar que existem fatores também de outras culturas que ajudaram na sua formação.

É evidente que a civilização helenística procede diretamente da civilização grega clássica, por sua língua, seus promotores, seus gêneros literários e seus estilos artísticos. Entretanto, as diferenças são suficientes para fazer com que lhe seja atribuído um nome particular (PETIT, 1971, p.181).

E isso só foi possível pela forma de governo de Alexandre que deixava livre aos povos por ele conquistados para continuarem seguindo seus costumes. “E Atenas já não é o único centro deste mundo intelectual; formam-se outros focos de cultura: Pérgamo, Antióquia e, principalmente, Alexandria, no Egito” (MONDIN, 1981, p.107).

E com isso houve sim ganhos, mas também perdas, sobretudo para a cultura helênica que já tinha como sua forma de pensar o método filosófico.

Essa difusão comportou, fatalmente uma perda de profundidade e pureza. Entrando em contato com tradições e crenças diversas, a cultura helênica devia fatalmente assimilar alguns de seus elementos. Faz-se sentir a influência do Oriente (REALE, 1990, p.230).

### 2.3.1 A religião

No império de Alexandre havia espaço para todas as pessoas, assim também para todos os deuses oriundos de vários lugares, “[...] A religião era politeísta, sendo tolerados todos os cultos, e introduziram-se novas práticas mágico-religiosas. [...]” (SANTOS, 1980, p.219). Destacam-se, nesta época, o culto de alguns deuses:

Certamente o número dos templos e altares monumentais consagrados a Zeus, deus do poder político e protetor natural dos soberanos terrestres, e além do mais frequentemente assimilado a deuses orientais, sírios por exemplo continua a ser importante; [...]”(PETIT, 1971 p.184)

Além da expansão de cultos de alguns deuses, existem também algumas divindades que têm sua origem nesta época, e, pode se dizer, que seja fruto deste grande encontro de divindades e religiões.

Existe também indícios de monoteísmo nesse reino, pois se tinha em território imperial macedônico registro de judeus que lá residiam, embora não tivessem o direito de cidadania “Malgrado suas origens particularíssimas, seu nacionalismo agressivo, e seu monoteísmo intransigente, que desencoraja todo esforço sincrético, o judaísmo não permaneceu insensível ao helenismo, o que preparou

para mais tarde a penetração do cristianismo entre os ‘gentios’” (PETIT, 1971, p.187).

Mas, a religião ganha um cunho individualista, pois antes religião e política eram unidas, os gregos projetavam em seus deuses todos os seus ideais e inclusive político, tanto que dedicavam suas cidades a algumas divindades justamente com o interesse político de vencer guerras, e preocupados com sua proteção, mas no helenismo isso veio ao chão juntamente com sua política democrática.

Dessa forma, a religião foi deixando a sua vinculação com a política e os deveres do cidadão não serviam mais como práticas que aproximassem o homem dos deuses, visto que as condições materiais para esses exercícios deixaram de existir com a demolição do Estado grego (da *polis*). Assim, o espírito religioso perdeu o seu caráter de coletividade e voltou-se para a individualidade, pois o homem do Império deveria buscar a sua salvação na própria subjetividade e individualidade (SOUZA, 2009 p.7).

### 2.3.2 As ciências e a literatura

“Para uns a decadência da civilização, na época helenística, foi muito acentuada nas artes. Em compensação – reconhecem – a filosofia, as ciências e a história continuaram a ser cultivadas, e até com especial brilhantismo” (BECKER, 1980, p.150). Muitas descobertas foram feitas nesse período da história, algumas interpretações, cálculos que levaram ao erro, mas, as descobertas científicas helenísticas foram base para teorias e descobertas científicas posteriores, dado que, diferente da filosofia, a ciência aqui já não era mais produzida em Atenas mas junto aos reis e no universo de então.

Na astronomia, após as descobertas do babilônio Cídenas (duração do ano solar, precessão dos equinócios), quase foi descoberta a doutrina heliocêntrica do universo (Heraclido de Herecléia Pôntica, Aristarco de Samos), mas a influência por uma vez infeliz do excelente Hiparco (inventor da trigonometria) desconsiderou essa teoria até a época de Copérnico. As matemáticas muito devem a Euclides que trabalhou em Alexandria, e a Apolônio de Perga; a astronomia e a geodésia a Eratóstenes de Cirene, que mediu com exantosa exatidão a circunferência terrestre (arco do meridiano de Alexandria em Siene); a medicina a Erasístrato de Ceos e a Herófilo de Calcedônia, o primeiro a descobrir a circulação do sangue (PETIT, 1971, p.188).

E esses avanços se deram sobre a custódia dos reis, que apoiavam financeiramente essas descobertas, valorizavam-nas e as incentivavam, além, é claro, da grande mistura de culturas que certamente deve ter ajudado nesse avanço científico de, quase ter se chegado ao heliocentrismo. O famoso farol de Alexandria talvez já resumiria o grande passo dado cientificamente naquela época.

“Certos autores veem decadência só na literatura (excessiva preocupação formal)” (BECKER, 1980, p.150). Talvez o fato de uma das maiores bibliotecas ser em Alexandria já nos diz muito sobre a valorização dos livros dada neste período, é uma das mais famosas bibliotecas do mundo, mas não foi somente na sua construção que se pode valorizar aqui a literatura, mas também em algumas modificações literárias que foram base para a literatura romana posterior.

A pura literatura não tem tão boa reputação: [...] refugiando-se em discursos fictícios e panegíricos de encomenda, transforma-se em ‘retórica’ mas com um método, técnicas eruditas de invenção e de disposição que causaram a admiração dos romanos e contribuíram para elevar o nível da cultura média, para dar a todos o gosto pela bela linguagem e formaram em definitivo a prosa latina, no começo do século I. A tragédia e a comédia clássicas passaram, e as representações freqüentes dos teatros retomam as grandes obras do século V e as obras ‘burguesas’ de Menandro (ateniense do fim do século IV), ou consagram-se ao mimo, facilmente grosseiro: são esses os gêneros depois apreciados e transformados segundo seu próprio gênio (Plauto, Terêncio, os mimos) (PETIT, 1971, p.189).

### 2.3.3 A arte

A arte no período do helenismo “[...] não é cívica, municipal, porém monárquica;[...].” (PETIT 1971, p.191); quem as patrocina são os monarcas, e aqueles que tinham certa riqueza. Não poderíamos eleger uma forma de arte, pois assim como tudo foi diverso neste período, a arte também é diversa e fruto desse encontro de culturas: “As artes plásticas helenísticas se caracterizam, nesta época, pelas influências orientais [...]” (BECKER, 1980, p.152).

Na arquitetura, o que parece mais novo, não são os templos, dominados agora pelo estilo coríntio (na Ásia ainda o jônico, mas nunca o dórico),[...].” “A escultura deixou-nos inúmeras obras de todos os formatos, a mitologia é fortemente secularizada, em benefício de Afrodite, expressão do gosto voluptuoso pela beleza feminina, e dos Eros, que mostram as crianças pela primeira vez por si mesmo como objeto de arte (PETIT, 1971, p.191).

“A pintura seria, sem dúvida, o mais fiel reflexo da própria alma da idade helenística, se a conhecêssemos melhor: mas conhecemos apenas a reconstituição penosa através dos afrescos romanos das cópias pompeanas” (PETIT, 1971, p.192). A arte sempre foi considerada pela humanidade um grande valor, desde as rupestres até as atuais, e uma de suas características é a de expressar um sentimento de seu criador de naquele momento, também é um retrato de uma cultura, e no helenismo não foi diferente “Há obras que apresentam a placidez, a harmonia, o suave equilíbrio dos melhores modelos do século de Ouro” (BECKER, 1980, p.152). Sem dúvidas, a arte servia como expressão de todo um ambiente que aquele povo vivia, ela traz em si a subjetividade do ser.

No total, a arte helenística, mais difícil de abranger do que a das épocas clássicas, é mais variada e menos séria; refinada em sua técnica, liberta das convenções em seu expressionismo por vezes carregado ou demasiado exuberante, reflete ela uma época que, mais do que qualquer outra, talvez, foi de extraordinária vitalidade. Não nos admiremos, então de que os graves romanos, saindo de seus campos, se tenham espantado, chocando-se por vezes, com esta arte que lhes revelou uma das faces da Grécia eterna: tratava-se da mais tardia, mas não da mais abrupta e, mais do que a arte clássica, Roma, pela Itália do Sul, a Sicília e depois o Oriente, parece ter aparecido e adaptado ao seu uso a arte de Pérgamo e de Alexandria (PETIT, 1971, p.192).

## **2.4 Uma nova concepção do homem**

Ao longo de toda a sua história, o homem vem construindo o mundo ao seu redor e se construindo a si mesmo, desde suas necessidades físicas até suas necessidades espirituais. E, com a sua

capacidade intelectual, ele foi capaz de articular as coisas ao seu redor a fim de que pudesse suprimir a falta de algo que existe dentro de seu coração, como já vimos acima, a religião, a arte, a literatura, enfim, tudo isso é manifestação de um ser que busca destas coisas para se preencher.

Na Grécia antiga não era diferente, a cultura grega é como qualquer outra, com suas manifestações características, suas peculiaridades. Como toda nação de sua época, tinha sua religião específica, seus deuses, seus cultos, seu estilo artístico, até que em um dado momento acontece o que se chama de “milagre grego”, que levam os gregos a começarem a ir além em suas concepções, além dos mitos, procurar o pano de fundo da natureza, e dos “seres”.

Após esse chamado milagre grego, começaram a surgir várias concepções de homem, e isso desde o início da chamada filosofia, é dessa cultura que temos a concepção de homem clássica. Os pré-socráticos, já em suas reflexões, pensaram sobre a pessoa humana, e fizeram um caminho de progressão que teve um ponto alto no período dos sofistas.

São pois os sofistas que irão consumir a inflexão antropológica da filosofia grega. [...] Algumas das idéias diretrizes que irão constituir uma constelação conceptual permanente no horizonte da concepção ocidental são formuladas pela primeira vez claramente no contexto da Ilustração sofística ateniense (LIMA, 2001, p.32).

Os gregos têm uma gloriosa história política, desde um conceito muito bem sedimentado de política até uma prática político governamental, que serve de espelho para conceitos hodiernos como, por exemplo, o de “democracia”, esse desenvolver da política

se cruza com a antropologia, porque os filósofos, à medida que construíram o conceito antropológico, foram acrescentando aquilo que receberam até culminar em Aristóteles que, em uma de suas definições de homem, afirma se ele um “animal político”, que demonstra toda uma trajetória de política e filosofia, e culmina em um momento da história onde a Grécia antiga tinha como sua glória a filosofia, e a política, e com isso, o filósofo demonstra a mentalidade de seu povo.

A unidade dos domínios ético e político se manifesta no fato de que , segundo Aristóteles, o homem tal como ele o considerava em sua expressão acabada, isto é, o homem helênico, é essencialmente destinado à vida em comum na polis e somente aí se realiza como ser racional. Ele é *zôonpolitikón* por ser exatamente um *zôonpolitikón*, senda a vida ética e a vida política artes de viver segundo a razão[...] (LIMA, 2001, p.42).

Foi nesta postura filosófica de viver segundo a razão com a plena realização na política, que Alexandre foi educado, por ser discípulo de Aristóteles, conforme nos diz Lévêque (apud SOUZA, 2009, p.3): “Durante a infância, Alexandre recebera uma formação helênica, tendo como preceptor o filosofo Aristóteles, que procurara despertar nele o gosto pelas coisas do espírito. Dedicado ao estudo da filosofia, levou Aristóteles a pensar que concretizaria nele o ideal de bom governo”.

Mas, parece que Alexandre não levou a cabo o fim desejado por seu mestre: “Alexandre não tentou reorganizar a cidade como pretendiam Platão e Aristóteles em suas teorias políticas, nem foi tolerante como seu pai Felipe II, ao buscar inaugurar um novo modo

de governar” (SOUZA, 2009, p.3). E essa sua nova forma de governar foi determinante para os gregos e sua estrutura política, pois já que a Grécia fazia parte de seu império, Alexandre, ao conquista-la interrompeu os ideais de homem livre, de homem da polis, e tirou o poder das mãos dos cidadãos, concentrou-o em si, e isso foi muito doloroso para os gregos: “A ação do jovem imperador parece não ter correspondido aos ideais clássicos da cultura grega, em particular aos que estavam respaldados na filosofia de Aristóteles, os quais postulavam a preservação do *ethos* da polis e da liberdade política grega. (SOUZA, 2009, p.3). E, com isso, os ideais que os gregos tinham como base, e fruto de uma Grécia que produzia filosofia, assim como nos dizem Giovanni e Dario (REALE, 1990, p.228):

Encontravam-se assim destruídos aqueles valores fundamentais da vida espiritual da Grécia clássica que constituíam o ponto de referência do agir moral e que Platão na sua República, e Aristóteles, nas sua Política, não só teorizaram, mas também sublimaram e hipostasiaram, fazendo da Polis não apenas uma forma histórica, mas inclusive a forma ideal do Estado perfeito. Em consequência, aos olhos de quem visse a revolução de Alexandre, essas obras perdiam seu significado e vitalidade, aparecendo imprevistamente em dissonância com os tempos e colocando-se numa perspectiva superada.

“A partir dessas medidas, a organização política grega, que tinha como base as cidades-Estados e era o seu diferencial em relação aos outros povos, deixaria de existir, causando uma profunda crise de identidade no homem grego” (SOUZA, 2009, p.5). Após essa mudança que Alexandre fez, houve várias tentativas de retornar à

Grécia antiga, e o último nome dessa tentativa é o de Demóstenes, assim nos afirma Jaeger: “ [...] o grande orador erguia-se como o último estadista grego junto à tumba da liberdade política de sua terra, e pronunciava a sua oração fúnebre, desiludido com as transformações que a conquista macedônica impunha ao “povo” grego (SOUZA, 2009, p.4).

Mas, além de uma crise política, o homem grego entrava em uma crise mais profunda, existencial: “Sua essência era fundada nos valores coletivos e qualquer alteração nesse modelo levaria a uma profunda crise na ordem estabelecida. (SOUZA, 2009, p.6). O homem se vê perdido, pois colocava sua confiança, sua vida, tudo girava em torno da polis, era ela o “porto seguro” dos gregos: “[...] a polis se oferecia ao indivíduo como sua comunidade nativa, na qual ele encontrava plena satisfação para todas as suas aspirações,[...]” (LIMA, 2001, p.43). Uma vez que isso lhe é tirado, parece que tudo desaba à sua frente, e apesar das tentativas de retomarem o poder, os gregos nada conseguiram, e tiveram que mergulhar nessa crise de identidade.

Agora porém que a *pólis* está arruinada e o homem se vê perdido em um imenso universo político, ele não pode atingir a felicidade senão apropriando-se em suas próprias forças e recolhendo-se em si mesmo. Estranho na nova realidade política, o grego dos últimos três séculos antes de Cristo sente sempre com maior insatisfação o peso esmagador de tal situação. Envolvido no turbilhão das paixões e das forças que vêm forjando a nova história, ele procura por todos os modos uma via de salvação. E refugia-se em si mesmo em sua solidão interior (MONDIN, 1981 p.108).

Com a destruição dos seus suportes materiais e espirituais, o homem grego foi obrigado a buscar em si mesmo, na sua intimidade, novas motivações para viver, visto não poder mais pedir à cidade, ao *ethos* do Estado aos seus valores os conteúdos para a própria vida. Foi assim motivado pela força das transformações sociais a fechar-se em si mesmo. Afinal, já não era cidadão mas apenas indivíduo como qualquer outro na estrutura do Império e deveria buscar um sentido para sua existência. A sua felicidade não dependia mais das coisas exteriores (políticas), mas do seu encontro consigo mesmo (SOUZA, 2009, p.7).

E, mediante isso, o homem grego precisa de algumas respostas, algumas setas que lhe indiquem por onde seguir, qual caminho deve trilhar a quem obedecer, pois ao se voltar para dentro de si mesmo, ele vê um vazio. Sempre em momentos de crises procurando apoiar-se em alguém ou em algo, e aqui, na cultura grega, a única coisa que lhe restou além de si mesmo foi a sua amada filosofia, esta que nasceu na polis para procurar responder às questões elementares da vida e da natureza agora vai ser a bússola do homem helenístico.

Pergunta à razão em que consiste a tão desejada felicidade, qual é o seu bem supremo; pede à filosofia uma orientação para conseguir aquela serena tranquilidade, aquela independência das vicissitudes deste mundo, aquele domínio de si mesmo que constroem o ideal do sábio. Por isso, a pesquisa filosófica do período helenístico tem um sentido eminentemente ético, razão pela qual é usualmente denominado período ético (MONDIN, 1981, p.108).

Mas, justamente por ter nascido na polis, a filosofia até então era baseada numa estrutura coletivista, e ainda que no helenismo o homem vá buscar respostas nela, de uma certa maneira ela também é desvalorizada, pois assim como a religião que era coletiva e aqui passa a ser individualista, essas novas reflexões filosóficas também vão ter como pano de fundo o homem individualista, e é com essa base que vão ser construídas as chamadas novas escolas filosóficas.

Esse caminho feito pela religião de coletivo para individualista, pelo que se pode inferir, parece ter sido seguido também pela filosofia, que no período áureo da polis estivera intimamente relacionada com a política e procurara legitimar a vida social grega. Assim sendo, com a decaída da polis, a filosofia também entrou em descrédito, pois, como entendia o homem como um ser político, não encontrava eco nas estruturas da sociedade que se organizava. Desse modo, as reflexões filosóficas deixariam o âmbito público (coletivo) para converter-se em reflexões sobre a vida privada ou individualista. Essas novas propostas filosóficas aparecem em função do desgaste existencial que o homem vivenciava (SOUZA, 2009, p.7).

## **2.5 Novas escolas filosóficas**

Frente à necessidade existencial, surgem quatro escolas, cada uma com seu modo de responder à questão do homem, e com respostas diversas, cada qual com uma característica que lhe é própria, deste determinado período em que viviam seus fundadores.

Mas o problema moral não é o único a interessar os filósofos depois de Platão e Aristóteles. Eles se ocupam também, apaixonadamente, dos problemas teóricos da constituição e do significado do mundo material (problema físico) e do critério ou cânonda

distinção entre o verdadeiro e o falso (problema lógico) (MONDIN, 1981, p.108).

É claro que neste período, as ciências ainda não estavam sistematizadas como se vê hoje, e a filosofia abarcava vários campos, inclusive o natural. Mas tem um destaque maior neste período, ao qual nos deteremos, que será a questão existencial do homem. “[...] Trata-se em suma, de propor uma resposta às novas condições impostas ao indivíduo pelas comoções da civilização. [...]” (JERPHAGNON, 1992, p.62) e, sobretudo interessa-nos a questão moral que será o foco de todas essas escolas filosóficas, como nos afirmam Giovanni e Dario (apud REALE, 1990, p.230):

Compreende-se assim que o pensamento helenístico tenha se concentrado sobretudo nos problemas morais, que se impunham a todos os homens. E, propondo os grandes problemas da vida e algumas soluções para eles, os filósofos dessa época criaram algo de verdadeiramente grandioso e excepcional [...], propondo modelos de vida nos quais os homens continuaram a se inspirar ainda durante outro meio milênio e que ademais, tornaram-se paradigmas espirituais, verdadeiras conquistas para todo o sempre.

“De modo diferente de resolver os problemas relativos ao Sumo Bem e à verdade nasceram os quatro grandes movimentos filosóficos do período helenístico: estoico, epicurista, cético e eclético.” (MONDIN, 1981, p.108). É nosso foco aqui a escola estoica, mas é necessário fazer uma breve apresentação das outras escolas, para vermos a importância verdadeira que tem o estoicismo, pois além de ser uma das que mais durou, também tem alguns princípios que

ainda perduram nos dias de hoje, ainda que com roupagens diferentes, pois ela se disseminou com a teologia cristã.

### 2.5.1 Os Epicuristas

“Os epicuristas foram grandes defensores de uma física materialista, atomista e mobilista” (MARCONDES, 1998, p.92).

A teoria do conhecimento tinha, como principal característica, a valorização da experiência imediata: “A ética epicurista, assim como a estoica, postulava como princípio básico a felicidade (eudaimonia), obtida pela tranqüilidade ou impertubabilidade (ataraxia), porém se divergia dos estóicos quanto ao caminho para se chegar a essa felicidade.” (MARCONDES, 1998, p.92). Os epicuristas não acreditavam que existisse divergência entre razão e paixão, o homem alcança a ataraxia na medida em que satisfaz seus prazeres, moderadamente. “Epicuro opina que o prazer é verdadeiro bem; e, além disso, é o prazer que nos indica o que convém e o que repugna à nossa natureza” (MARÍAS, s.d. p.110).

Até por isso os epicuristas foram caracterizados como que muito dados ao prazer, mas, “Ao contrário, a ética epicurista prega a austeridade e a moderação, mas não a supressão dos prazeres e desejos que são expressões de nossa natureza” (MARCONDES, 1998, p.93).

Mesmo com uma certa visão positiva dos prazeres, o epicurismo “[...] não teve na Antigüidade a mesma influência e repercussão do estoicismo, que foi a mais importante da época, juntamente com a Academia” (MARCONDES, 1998, p.93). Mas, teve uma duração considerável, talvez devido a um caráter religioso que ela adquiriu depois da morte de seu fundador, “[...] e influiu na Grécia

e no mundo romano. Até no séc. IV depois de Cristo, o epicurismo mantém a sua atividade e a sua influência” (MARÍAS, s.d. p.110).

### 2.5.2 Os céticos

Os céticos são de uma escola remanescente dos sofistas, “Antes de Platão e Aristóteles, já se desenvolvera na Grécia uma orientação filosófica essencialmente céptica, o famoso movimento dos sofistas” (MONDIN, 1981, p.116). São denominados céticos, porque essa escola acreditava que o conhecimento era inatingível ao homem, que ele só lhe é possível a suspensão plena de qualquer juízo: “Não se pode afirmar de coisa alguma que seja verdadeira ou falsa, justa ou injusta, e assim por diante” (MONDIN, 1981, p.117).

É, de certa maneira, compreensível a posição desta escola, pois o homem se vê perdido, como já foi afirmado ao longo deste trabalho, e uma tendência humana, às vezes, é talvez desacreditar em si, e no mundo ao seu redor. Também nos tempos hodiernos existem correntes filosóficas que devido à crise que o homem vive, se assemelham ao ceticismo, mas não são remanescentes dele: “Vê-se, pois que o pirronismo não é niilista, que pretenderia que nada é certo - posição, no fim das contas, dogmática” (JERPHAGNON, 1981, p.73).

### 2.5.3 Os Ecléticos

“Entende-se por ecletismo a atitude filosófica para a qual a procura da verdade não se esgota numa forma sistemática e dedica-se por isso a coordenar e harmonizar entre si elementos de verdade escolhidos em diversos sistemas” (MONDIN, 1981, p.118). O ecletismo “[...] é outro fenômeno das épocas de decadência filosófica.

Aparece nelas o espírito de compromisso e conciliação” (MARÍAS, s.d. p.112).

Para eles o desacordo dos filósofos deve-se ao fato de que, não podendo a fraca mente humana abarcar toda a verdade com um só olhar, um filósofo limita a sua investigação a um aspecto e outro filósofo a outro aspecto. Assim, estudando aspectos diferentes da realidade, é natural que cheguem a conclusões diferentes. Por isso, para se chegar a uma compreensão adequada das coisas, não se deve confiar em um só filósofo, mas é necessário reunir as conclusões das pesquisas dos melhores entre eles.(MONDIN, 1981 p.118)

Um grande expoente desta escola é Cícero, que adere ao estoicismo e ao platonismo, e não se simpatiza muito com o epicurismo. “Para ele a filosofia é consoladora dos que sofrem, a reveladora do absoluto, a ponte que une ao divino” (MONDIN, 1981, p.119). O seu modo de pensar não traz novidade alguma, “[...] mas tem valor pelo facto de constituírem um repertório copioso de referências da filosofia grega” (MARÍAS, s.d. p.112).

#### 2.5.4 O estoicismo

A escola estoica foi fundada por Zenão de Cítio, que era de origem semita. Como não era cidadão ateniense, não podia ter propriedades dentro da cidade de Atenas, então começou seus ensinamentos em um pórtico conhecido como Stoá, de onde se origina o nome estoicismo.

Zenão comungava de algumas ideias de Epicuro, embora o centro da filosofia de ambos apresentasse certa diferença, pois um negava as paixões, e visava a vida virtuosa, e austera até certo

ponto, e, o outro dava destaque às paixões, não as vendo como ruins e vendo com bons olhos uma vida regada de prazeres. Ambos buscavam o prazer, só que cada um a seu modo. Mas um princípio que permeia este período, como vimos, é o de enxergar a filosofia como a “arte de bem viver”. Que, no fundo, acabaria sendo uma vida prazerosa, pois uma vida feliz tem prazer, ainda que não seja em um sentido pejorativo.

Como Epicuro, ele renegava a metafísica e toda forma de transcendência. Como Epicuro, concebia a filosofia no sentido de arte de viver, ignorada pelas outras escolas ou então só imperfeitamente realizada por elas. Mas, embora compartilhasse o conceito epicureu de filosofia, bem como o seu modo de propor os problemas, Zenão não aceitava sua solução para esses problemas, tornando-se um feroz adversário dos dogmas do Jardim. Repugnavam-lhe profundamente as duas ideias básicas do sistema, quer dizer, a redução do mundo e do homem a mero agrupamento de átomos e a identificação do bem do homem com o prazer, bem como as suas consequências e corolários. Não é de surpreender, portanto, que encontremos em Zenão e nos seus seguidores a clara derrubada de uma série de teses epicuristas. Todavia, não se deve esquecer que as duas escolas tinham os mesmos objetivos e a mesma fé materialista e que, portanto, trata-se de duas filosofias que se movem no mesmo plano de negação de transcendência e não de duas filosofias que se movem em planos opostos (REALE, 1990, p.252).

Se pudéssemos resumir um pouco o centro da filosofia estoica, usaríamos as palavras de Diego Fusaro: “Por si, a filosofia estoica pode ser mobilizada para justificar tanto o abandono ao curso

providencial do mundo, como o esforço moral do indivíduo, a retirada da vida política ou o empenho nesta”<sup>4</sup> (FUSARO, s.d. p.1).

Os estoicos tinham uma lógica que se apartava da de Aristóteles: “[...] apoiando-se na proposição como elemento-base da lógica (lógica proposicional) e privilegiando os silogismos hipotéticos e disjuntivos, sobre os quais Aristóteles não havia teorizado” (REALE, 1990, p.256). Porém, acreditavam, como Aristóteles, que “No nascimento, o espírito é uma tábua em branco (‘tábula rasa’), à qual a experiência fornece os conteúdos.” (STÖRIG, 2008, p.161).

Os estoicos dividem a filosofia em uma tripartição, onde a lógica fica do lado de fora, e de dentro ao mesmo tempo, isso não quer dizer que ela fique à margem e que não tenha muita importância. Vejamos o exemplo e conseguiremos melhor compreender o pensamento estoico:

A filosofia em seu conjunto é comparada por eles a um pomar, no qual a lógica corresponde ao muro circundante, que delimita o âmbito do pomar e que cumpre ao mesmo tempo o papel de baluarte de defesa; as árvores representam a física, porque são como que a estrutura fundamental, ou seja, aquilo sem o que não existiria o pomar; finalmente, os frutos, que são aquilo a que todo o plantio visa, representam a ética. (REALE, 1990, p.254)

Tratando em termos modernos, os estoicos “[...] são por conseguinte, empíricos” (STÖRIG, 2008, p.161) quanto à forma de conhecimento, que consiste no sentir para que haja um conhecimento, mas eles não admitiam somente isso, era necessária uma aprovação do logos que está em nossa alma. E isso não

---

<sup>4</sup>“Di per sèla filosofia stoica pu òesser emobilata per giustificare sia l'abbandono al corso provvidenziale del mondo, sia lo sforzomoral dell'individuo, il ritiro dalla vita politica o l'impegno in essa.”

depende somente do sujeito, porém, também do objeto que se dá a conhecer e incitam os sentidos do indivíduo. Mas, mediante as sensações causadas, cabe também àquele que é excitado saber o que quer ou não aceitar: “Só quando existe o assentimento é que temos a ‘apreensão’ (katálepsis). E a representação que recebeu nosso assentimento é ‘representação compreensiva ou catalética’, constituindo o único critério ou garantia de verdade” (REALE, 1990, p.255).

Para entendermos essa maneira gnosiológica de entender o conhecimento que os estoicos tinham, colocando em poucas palavras, e procurando resumir tudo isso, nos ensina Reale e Dario: “A liberdade de assentimento não é, em última análise, senão o reconhecer e o dizer ‘sim’ à evidência objetiva e o recusar e dizer ‘não’ à não-evidência” (1990, p.255).

As filosofias do período helenístico tinham como objetivo a busca da felicidade, e é na ética que vamos perceber como o pano de fundo desta filosofia é a busca da felicidade. Os estoicos, assim como os epicuristas acreditavam que “[...] a felicidade se persegue vivendo segundo a natureza” (REALE, 1990, p.261).

Para que o homem leve uma vida feliz, é muito simples, basta que ele procure viver segundo a natureza: “Como o homem, por natureza, é um ser racional, para ele a vida natural é a vida de conformidade com a razão. Nisto consiste a única virtude, a única felicidade” (STÖRIG, 2008, p.162). Por isso que, para os estoicos, o que é ou não bom para o homem é aquilo que diz respeito ao logos, ou seja à alma da pessoa, e não se importam muito com o mal ou bem que acontece com o corpo, porque isso é considerado de somenos importância.

Por isso todas as coisas que são relativas ao corpo, quer sejam nocivas, quer não, são consideradas indiferentes (adiáphora) ou, mais exatamente, moralmente indiferentes. Entre as coisas moralmente indiferentes são conseqüentemente colocadas as coisas física e biologicamente positivas, como vida, saúde, beleza, riqueza etc., quer as física e biologicamente negativas, como morte, doença, brutalidade, pobreza, ser escravo ou imperador, etc. (REALE, 1990, p.262)

Muito embora eles não descartem totalmente o corpo, já que esse também faz parte do homem, existem sim na natureza biológica alguns elementos que ajudam na realização desse projeto de uma vida feliz. A única coisa que os estoicos realçam é que o corpo não é o ponto principal, ou o elemento que mais auxilie na busca dessa felicidade, e que ela não é material e fica, portanto, em um plano espiritual.

Assim, não só para os animais, mas também para os homens, se devia reconhecer como positivo tudo o que está em conformidade com a vida, como, por exemplo, a saúde, a força, o vigor do corpo e dos membros e assim por diante. Os estoicos chamaram esse positivo segundo a natureza de valor, ou estima, enquanto o oposto negativo chamaram de falta de valor ou falta de estima (REALE, 1990, p.263).

Para os estoicos, viver feliz é viver segundo a natureza, se um homem vive segundo as leis naturais, esse será feliz sobre a terra, e praticará ações morais corretas, mas, essa tarefa não é para todos os homens, pois “[...] são deveres que no sábio graças à perfeita disposição do seu espírito, tornam-se verdadeiras e exatas ações morais perfeitas, enquanto que, no homem comum, permanecem só

ao nível das ações convenientes” (REALE, 1990, p.264). Isso porque o sábio tem uma capacidade que as outras pessoas não têm e, por isso, ele é aqui exaltado como modelo e “Ele é soberano como um rei, é independente de tudo quanto é externo. Todos os outros seres humanos, que constituem a grande maioria, são louco.” (STÖRIG, 2008, p.163).

“De ser que vive encerrado em sua individualidade, como queria Epicuro o homem torna-se animal comunitário” (REALE, 1990, p.264). Na filosofia do pórtico encontra um realce à vida comunitária, existe um chamado ao homem a não olhar somente para si, o homem é convidado a olhar os seus, de sua família, não mais como objetos como fazendo parte de suas posses, mas como família. Como já não existe uma polis com seus negócios, se “estrutura” uma família com seus afetos, vejamos:

O homem é impulsionado pela natureza a conservar o próprio ser e amar a si mesmo. Mas esse instinto primordial não está orientado somente para a conservação do indivíduo: o homem estende imediatamente a oikeíosis aos seus filhos e aos seus parentes e mediatamente a todos os seus semelhantes. Em suma: é a natureza que, como impõe o amar a si mesmo, impõe também amar aos que geramos e aqueles que os geraram; e é a natureza que impulsiona o indivíduo a unir-se aos outros e também a ser útil aos outros. (REALE, 1990, p.264)

Além de superar a individualidade e dar um conceito de família como posse, eles também superam a ideia de nobreza, de ser superior e os outros como inferiores, e colocam todos os homens em igualdade:

[...]Todos os povos são declarados capazes de alcançar a virtude; o homem é proclamado

estruturalmente livre: com efeito, nenhum homem é por natureza escravo. Os novos conceitos de nobreza, de liberdade e de escravidão ligam-se à sabedoria e à ignorância: o verdadeiro homem livre é o sábio, o verdadeiro escravo é o tolo (REALE, 1990, p.265).

O último ponto da ética estoica a se considerar é o conceito de apatia. “As paixões, das quais depende a infelicidade do homem, são para os estoicos, erros da razão ou, de qualquer modo, consequências deles” (REALE, 1990, p.265). A apatia, portanto, consiste na extirpação de todas as paixões, e isso vale inclusive nas relações que o estoico tem com as pessoas, até no casamento.

Assim, o sábio deve se mover entre os seus semelhantes em atitude de total distanciamento, seja quando fizer política, seja quando se casar, seja quando cuidar dos filhos, seja quando fizer amizades, acabando por tornar-se estranho à própria vida: com efeito, o estoico não é um entusiasta da vida, nem um amante dela, como o epicurista (REALE, 1990, p.265).

Depois de reflorescer com suas características próprias, o estoicismo tem o destino de antigas escolas filosóficas, que acabam sendo esquecidas, ou seu pensamento passa a ser abandonado por não haver depois desse período grandes pensadores à sua frente, ou que divulguem esta escola, como nos mostra Danilo Marcondes (1998, p.92):

Após esse período o estoicismo entra em decadência, não surgindo mais representantes significativos. Em virtude de sua tendência eclética o estoicismo passa a se confundir em parte com o platonismo, embora a ética estóica tenha tido grande influência no desenvolvimento do cristianismo, dado seu caráter determinista e sua valorização do autocontrole, da submissão, e da austeridade.

## 2.6 Sêneca e a busca pela felicidade

Um dos pensadores neoestoicistas mais célebres foi Lucio Aneu Sêneca (4 a.C.- 65 d.C.). Sêneca deixou um legado, pequeno se comparado ao grande legado que a humanidade hoje tem de seus grandes pensadores, mas que apresenta muitos caminhos para a felicidade do homem:

*De providentia, De constantia, De otio, De tranquillitate animi, De brevitae vitae, Ad Polybium de consolatione, Ad Helviammatrem de consolatione (esses escritos também são indicados pelo título geral de Dialogarumlibri). Além desses, também nos chegaram: De clementia, De beneficiis, Naturalesquaestiones (em oito livros) e a importante coletânea das Epístolas a Lucílio (124 cartas divididas em vinte livros). Também nos chegaram algumas tragédias, mais do que à representação, destinadas à leitura, em cujas personagens se encarna a ética de Sêneca (Hercules Furens, Troades, Phoenissae, Medea, Phaedra, Oedipus, Agamemnon, Thyestes e Hercules Octaeus ) (REALE, 1990, p.306).*

Ele procurou dar sua contribuição ao homem de seu tempo, buscando respostas para poder viver uma vida que valesse a pena ser vivida. A filosofia de Sêneca, apresentada como uma filha do estoicismo, baseia-se na felicidade através da busca da sabedoria, sendo capaz de discernir o que é bom (SÊNECA, 2014, Carta 45:9), afirma ser necessário ter verdadeiras amizades (SENECA, 2014, Carta 48: 2), e cuidar da saúde da alma mais que a do corpo, o que se alcança tomando doses ilimitadas de filosofia, e buscando a virtude, fugindo dos vícios e dos prazeres não virtuosos, porque não há maior prazer que viver virtuosamente, com sabedoria, esse é o verdadeiro.

Devemos proceder não como quem vive no interesse do corpo, mas simplesmente como quem não pode viver sem ele. Um excessivo interesse pelo corpo inquieta-nos com temores, carrega-nos de apreensões, expõe-nos aos insultos; o bem moral torna-se desprezível para aqueles que amam em excesso o corpo. Tenhamos com ele o maior cuidado, mas na disposição de o atirar às chamas quando a razão, a dignidade, a lealdade assim o exigirem (SÊNECA, 2014, Carta 14:2).

[...] ninguém pode dizer-se feliz se fora da verdade. Portanto, a felicidade tem por fundamento imutável um juízo reto e firme, porque o espírito é puro e livre de todo o mal não apenas quando houver evitado as lacerações, mas também os arranhões,[...] (SÊNECA, 2006, p.26)

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como pudemos notar, ao procurar o motivo da crise do homem grego no período helenístico, se conclui que até então este se via amparado pela polis. Com a chegada do império macedônico, essa instituição vem abaixo, e era ela quem sustentava todo o existir, o mover, e o ser do cidadão. Com isso o homem se vê perdido, e precisa de respostas. Nasceram algumas escolas filosóficas tais como, o epicurismo, o ceticismo, o ecletismo e o estoicismo, que servem como refúgio para o homem grego em meio a uma crise existencial.

Podemos ver ao longo do trabalho os sintomas da crise do homem helenístico que muito se parecem com os sintomas da crise atual, e com certeza alguns motivos são os mesmos. No império alexandrino houve uma mescla de cultura, e hoje a internet muito contribui com esse encontro de culturas; valores universais decaíram como a polis e com a mescla da religião, e no mundo contemporâneo não é diferente: valores como Deus, vida virtuosa e justiça são

minimizados, deixando assim o homem dos tempos hodiernos sem bases.

Sêneca afirma que o homem sábio é senhor de si, e independe das situações da vida para sentir-se bem, assim como as que lhe são prejudiciais não lhe causam dano algum, porque tem uma estabilidade de espírito oriunda da sabedoria.

Ao final deste trabalho, observamos que os momentos de crise são muito difíceis, mas podem produzir resultados de extrema importância, como uma filosofia que valoriza a virtude, o amor à vida, independentemente da dificuldade em que se vive, o valor da amizade, e que com certeza ajudam o homem contemporâneo a bem viver, sem dúvida alguma, e enfrentar crises que possam viver hoje, que muito se parecem com a de tempos passados.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Idel. **Pequena história da civilização ocidental**. 11ª ed. São Paulo, SP: Companhia editora nacional, 1980.

JERPHAGNON, Lucien. **História das grandes filosofias**. Tradução de Monica Stahel. 1ª ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.

LIMA, Henrique C. de Vaz. **Antropologia filosófica I**. 6º ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2001.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

MARÍAS, Julián. **História da filosofia**. 7º ed. Porto: Sousa & Almeida Ltda.

MONDIN, Batista. **Curso de filosofia: Os filósofos do Ocidente Vol. 1.** 3ª ed. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1981.

\_\_\_\_\_. **Definição filosófica da pessoa humana.** 2ª ed. Bauru, SP: Edusc, 1998.

NAVARRO, Roberto. **Quem foi Alexandre o Grande?** In: Mundo estranho. São Paulo: Abril, n. 14, 2003. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-foi-alexandre-o-grande>>. Acesso em: 28 mar. 2014.

PETIT, Paul. **História antiga.** Tradução de Pedro Moacyr Campos. 2ª ed. São Paulo, SP: Difusão europeia do livro, 1971.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: antiguidade e Idade Media.** 1ª ed. São Paulo, SP: Paulinas, 1990

SANTOS, R. L. A.; AZEVEDO, D. de F.; GUILHERME, O. P. C. L. **História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais.** 12ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Ao novo Livro Técnico, 1980.

SÊNECA. **A vida feliz.** Tradução de Alfredo Sconttini. 1ª ed. Blumenau, SC: Eko, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cartas a Lucílio.** Tradução J.A. Segurado e Campos. 5ª ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2014

SOUZA, Osmar Martins de.; JOAQUIM, José Pereira Melo. **O helenismo: consolidação de uma nova ordem social e de uma nova mentalidade.** In: Jornada De Estudos Antigos E Medievais; Jornada Internacional De Estudos Antigos E Medievais, VIII; I. Maringá. 2009. **Anais...** Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/82.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2021. p.1-9.

STÖRIG, Hans Joachim. **História geral da filosofia**. Revisão geral de Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.